



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
BACHARELADO EM PRODUÇÃO E POLÍTICA CULTURAL**

LUIS ÁTILA DOS SANTOS

**QUADRILHA JUNINA E POLÍTICAS CULTURAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E
SIMBÓLICOS PARA A MANUTENÇÃO DE UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL
BRASILEIRA**

Jaguarão
2017

LUIS ÁTILA DOS SANTOS

QUADRILHA JUNINA E POLÍTICAS CULTURAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E SIMBÓLICOS PARA A MANUTENÇÃO DE UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado como requisito parcial à obtenção de título de bacharel em Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa, *Campus* Jaguarão.

Orientadora: Profa Dra Carla Daniela Rabelo Rodrigues.

Jaguarão
2017

LUIS ÁTILA DOS SANTOS

QUADRILHA JUNINA E POLÍTICAS CULTURAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E SIMBÓLICOS PARA A MANUTENÇÃO DE UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de bacharel em Produção e Política Cultural.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 01/12/2017.

Banca examinadora:

Profa Dra Carla Daniela Rabelo Rodrigues
Orientadora
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Prof. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. Carlos Fernando Elías Llanos
Universidade de São Paulo (USP)
Fundação das Artes de São Caetano do Sul (FASCS/SP)

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Luis Átila

Quadrilha Junina e Políticas Culturais: Aspectos Históricos e Simbólicos para a manutenção de uma manifestação cultural brasileira/ Luis Átila Dos Santos.-- Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017.
46 f.

Orientadora: Carla Daniela Rabelo Rodrigues.

TCC (Graduação em Produção e Política Cultural) -- Universidade Federal do Pampa, 2017.

1. Quadrilha Junina. 2. Festejos Juninos. 3. São João. 4. Estilizada. 5. Tradição Cultural. I. Rabelo Rodrigues, Carla Daniela. II. Quadrilha Junina e Políticas Culturais.

Dedico este trabalho

Para a melhor mulher do mundo, minha mamis Ozana Maria de Matos dos Santos; também à minha orientadora Carla Daniela Rabelo Rodrigues por toda calma e paciência na construção desse trabalho, e às forças do universo por proporcionar a minha existência nessa city.

AGRADECIMENTO

Acredito que esse espaço é o momento de expressar toda gratidão com aqueles que fizeram e fazem parte dessa jornada. De início agradeço às forças do universo por me trazerem à Jaguarão. Agradeço as quatro Marias da minha vida que em seus nomes traduzem todas as dificuldades encontradas pelas mulheres de todo o Brasil: gracias à Ozana Maria de Matos dos Santos (minha mãe), à Maria Ivoneide de Matos dos Santos (irmã), à Maria Lucivania dos Santos (irmã) e à Maria Erica dos Santos (irmã), mulheres que desde o início de minha graduação estão ao meu lado nos dias bons e ruins. Nessa jornada conheci pessoas que ficaram marcadas em minha vida, Gê Silvestre, minha amiga, irmã e mãe, mulher maravilhosa que tenho o privilégio de estar ao lado desde o terceiro mês em Lost. Com ela aprendi a viver, a amar, a ser eu. Agradeço também aos meus amigos Jardeilson Elias, Nivea Maria e Ronaldo Silva, ao meu eterno marido Kaue Farias amigo que tive o privilégio de conhecer, e a todas aquelas que conheci nesses anos: Suanne Carvalho, Jennifer Lopes, Marcela Hernandez, Laurem Viviane, Karina Gama, Emily Edwards, Jose Kler, Sirlei (Sici), Edinho, pessoas que espero visitas em Jericoacoara.

RESUMO

Este trabalho percorre os estudos dos festejos juninos, especialmente das quadrilhas e quadrilhas juninas, com o objetivo geral de analisar os aspectos históricos e simbólicos dessa manifestação cultural. A quadrilha junina se constitui enquanto manifestação brasileira com movimentos do centro para o rural e, posteriormente, pelo caminho inverso, adequando-se aos seus intercâmbios culturais das diferentes épocas e desafios estético-políticos para sua continuidade no cenário cultural do país. Damos especial atenção à região Nordeste do Brasil, com demonstração de caso da quadrilha do Arraiá Lagoa Azul do município de Jijoca de Jericoacora no Ceará, no qual o autor expõe suas memórias e memórias de entrevistados para este trabalho. Conclui-se com análise sobre políticas culturais e como as quadrilhas juninas obtiveram alguma atenção do poder público, que continua a ser ineficiente em ações com propósitos mais contínuos.

Palavras-Chave:

Quadrilha Junina; Região Nordeste do Brasil; Políticas Culturais.

ABSTRACT

This work traces the studies of the June celebrations, especially of the "Quadrilhas Juninas", with the general objective of analyzing the historical and symbolic aspects of this cultural manifestation. The Quadrilha Junina is a Brazilian manifestation with movements from the center to the rural and, later, the opposite way, adapting itself to its cultural exchanges of the different epochs and aesthetic-political challenges for its continuity in the cultural scene of the country. We give special attention to the Northeast region of Brazil, with a case demonstration of the Arraiá Lagoa Azul in the municipality of Jijoca de Jericoacora (Ceará/Brazil), in which the author presents his memoirs and memoirs of interviewees for this work. It concludes with analysis of cultural policies and how the Quadrilhas Juninas got some attention from the public power, which continues to be inefficient in actions with more continuous purposes.

Keywords:

Quadrilha Junina; Northeast of Brazil; Cultural Policies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALA- Arraiá Lagoa Azul

CONFEBRAQ- Confederação Brasileira de Entidades Juninas

CNIC- Comissão Nacional de Incentivo à Cultura

DOU- Diário Oficial da União

FNC- Fundo Nacional de Cultura

MEC- Ministério da Educação

MINC- Ministério da Cultura

SCDC- Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural

SID- Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural

SEFIC- Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura

PNC- Plano Nacional de Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Casal de Rei e Rainha

Figura 02- Integrantes do Grupo Arraia Lagoa Azul

Figura 03 - Casal ALA 2005

Figura 04 - Apresentação do grupo ALA

Figura 05- Apresentação ALA 2009

Figura 06- Apresentação do grupo ALA no Festival Jijoca-Jeri Junino

Figura 07- Agenda Arraiá Lagoa Azul

Figura 08- Programação Festival de Quadrilha Jijoca -Junino

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. HISTÓRIA DA QUADRILHA NO BRASIL.....	14
3. ELEMENTOS SIMBÓLICOS DAS QUADRILHAS JUNINAS NA REGIÃO NORDESTE.....	19
3.1. Tradição e Estilização: o caso do Arraiá Lagoa Azul de Jijoca de Jericoacoara no Ceará.....	25
4. ENTIDADES JUNINAS E POLÍTICAS CULTURAIS.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	45

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como base de pesquisa a Quadrilha Junina, uma manifestação da cultura popular¹ brasileira que encontramos nas tradicionais festas de São João. O interesse pelo tema surgiu há muito tempo, precisamente aos meus 6 anos de idade quando participei da primeira Quadrilha Junina ao lado da minha irmã Maria Erica dos Santos, desde o primeiro São João (em 2000) integrei o ciclo junino até meados de 2013 quando tive que mudar para o Rio Grande do Sul, para iniciar meus estudos universitários².

Por 10 anos, participei de diversos grupos juninos na minha comunidade do Córrego da Forquilha II, no município de Jijoca De Jericoacoara/Ceará. A maior lembrança do São João é de sentir a emoção logo na entrada quando a música que dá início à coreografia inicia “Me dê a sua mão e vem São João”, (música do grupo junino Beija-Flor do Sertão de Fortaleza). Fiz parte de dois grupos juninos que marcaram minha trajetória no São João, o Grupo junino Estrelas do AJA e o Arraiá Lagoa Azul. Meu último ano como integrante de um grupo Junino foi em 2011 representando o Arraiá Lagoa Azul na categoria estilizada, e no mesmo ano, tive o privilégio de coreografar o grupo junino da Terceira Idade de Jijoca.

Além da minha trajetória no São João, outra justificativa para a pesquisa ser realizada é que diante da aproximação e da ressignificação dos grupos juninos adentro dos centros urbanos e o encontro da manifestação com as camadas sociais urbanas, me interessou compreender essa manifestação e quais elementos apareceram para que ela continue a ser desenvolvida por grupos de comunidades, grupos de escolas e grupos da sociedade civil. Também houve interesse em estudar os aspectos históricos que não costumam ser explorados pelos grupos de quadrilha, por isso a busca e revisão da literatura recente sobre o tema.

¹ “Cultura popular, manifestações em que o povo produz e participa ativamente da manutenção de seus bens culturais tais como, dança, música, literatura, folclore, etc., faz parte da essência da humanidade e serve como característica e diferenciação de cada povo, cada região e cada país” (HERMENEGILDO, 2015, p 1).

² Recuperei um pouco de meu contato com uma quadrilha junina na experiência que tive em liderar os ensaios da quadrilha do grupo PET Produção e Política Cultural/UNIPAMPA, em 2016. Disponível em: <https://petppc.wordpress.com/2016/05/18/segundo-ensaio-da-quadrilha-junina/>

A Quadrilha Junina foi uma dança praticada inicialmente nos bailes europeus, uma manifestação cultural que circulou por outros continentes, como África e Ásia. A manifestação oriunda da Europa nos traz a dança com formato de roda e em pares, sua prática era com maior frequência nos bailes nobres. Data-se a existência da dança por volta do século XVIII. Com as grandes navegações presentes na época, a Quadrilha ultrapassou o oceano foi trazida à América do Sul (especialmente Brasil) por volta do século XIX. No Brasil, figura no ano de 1820 com a chegada da corte portuguesa no Rio de Janeiro. Entretanto, o hábito que na época era realizado apenas para a Corte logo ganhou o imaginário popular de todo país, mas foi nas regiões Norte e Nordeste que a manifestação se enraizou e buscou sua identidade, a ser realizado pelo povo.

A pesquisa busca a compreensão sobre Quadrilhas Juninas Brasileiras, abordando dados históricos e socioculturais, suas características na região Nordeste do país, com menção ao movimento junino na cidade de Jijoca de Jericoacoara (CE). O estudo será realizado buscando também entender as mudanças já identificadas na trajetória dessa manifestação cultural. Para tal, utilizo como referências os textos da etnomusicóloga Rosa Maria Zamith sobre as transformações que a dança sofre ao longo do tempo. Trabalhei também com escritos de Hugo Menezes Neto sobre as Quadrilhas Juninas de Recife (PE). A antropóloga Luciana de Oliveira Chianca nos contribuiu densamente com seu vasto trabalho sobre o tema e especialmente com a transição da Quadrilha entre campo e cidade. Antonio Albino Rubim Canelas contribuiu com as pesquisas largas sobre o campo das políticas culturais no Brasil e as tristes tradições que o atravessa. Outros autores específicos de áreas como folkcomunicação, cultura popular e antropologia do tema são trazidos como contribuição para melhor compreensão. Ademais, fizemos levantamento de trabalhos e estudos sobre representações socioculturais das quadrilhas juninas.

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi revisão bibliográfica atualizada acerca do tema quadrilha com autores acima mencionados, cronologia em sites e revistas, principalmente o site do Ministério da Cultura. Como apresentação de caso, escolhi o movimento junino e um grupo da cidade de Jijoca de Jericoacoara, trabalhando com minhas memórias, material disponibilizado na internet, e entrevistas qualitativas em profundidade com alguns integrantes do grupo. Contudo, diante da dificuldade em encontrar documentos discorro com material a partir de 2005, e nos

intervalos de 2009, 2014 e 2017 tentando, portanto, construir uma cronologia de sua história e modificações ao longo do tempo.

Por fim, tensiono o campo das políticas culturais, questionando que o incipiente foco nas quadrilhas juninas é insuficiente para a valorização e manutenção dessa festa cujos elementos constituem a história do Brasil. Esse tensionamento é feito por meio de dados disponíveis do Ministério da Cultura e pelas principais referências do campo, especialmente o professor e pesquisador da UFBA, Albino Rubim.

2. HISTÓRIA DA QUADRILHA NO BRASIL

A etnomusicóloga Rosa Maria Zamith (2007, p. 127) reporta a Quadrilha perpassando sua construção histórica no contexto social brasileiro desde século XIX. Ela aponta que a Quadrilha é um gênero musical e uma dança de roda grupal formada por pares entre mulheres e homens³, com intuito de lazer e integração social dos brincantes, proliferando-se por diversos países ocidentais, sendo assim, incorporou-se incessantemente por diversos elementos musicais e coreográficos devido à construção do seu processo social.

Para a pesquisadora (2007, p. 114), ainda como definição, a quadrilha é considerada uma dança de longa existência, com registros pelos séculos, e variações em tempo e espaço. Afirma-se como o encontro de elementos musicais e coreográficos de danças anteriores a ela, e que foram ressignificadas para cinco tipos de contradanças encadeadas denominadas de Quadrilha Francesa. A forma perdurou até o século XIX, coexistindo com transformações e incorporações de elementos diversos.

Desde a época do Brasil Império, esta tradição cultural caracterizada como dança secular, permeada pelo imaginário coletivo, foi praticada principalmente nos bailes na Europa. Sua chegada ao Brasil se deu “no segundo quartel do século XIX,

³ Embora existam várias quadrilhas que propõem novas configurações de gêneros, sexualidades e também etnias. Cf: DA SILVA NOLETO, Rafael. “Brilham estrelas de São João!”: notas sobre os concursos de “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” em Belém (PA). *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 18, 2014.; BARROSO, Hayeska Costa. “O São João é gay!”: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 6, p. 179-197, 2017.

como uma das marcas das tradições francesas na cultura brasileira, e que tinha grande destaque no repertório dos bailes da sociedade fluminense” (ZAMITH, 2007).

A princípio foi uma manifestação cultural da elite, como aponta Luciana Chianca (2007), onde os relatos dos viajantes da época imperial do Brasil corroboram para a ideia de que as Quadrilhas se apresentaram em salões ricos da corte, tanto na cidade quanto no campo, além da apreciação da manifestação cultural por D. Pedro II.

Entretanto, assegurada pelo relato de Dabadie⁴, Zamith (2007, p. 117) admite que o “povo” formava a Quadrilha em meados da década 1850, organizando suas coreografias. Mesmo ao ganhar o gosto popular, as danças eram direcionadas e apresentadas nos bailes oferecidos à nobreza. Não obstante, nota-se a ausência da Quadrilha nos bailes das elites nas anotações⁵ de 11 de novembro de 1916, data da inauguração do Hotel Central no bairro do Flamengo (RJ).

Com a transição da Quadrilha, saindo da elite e migrando para o povo (urbano-rural), sua propagação atinge os diversos tipos de territórios (migração sem data definida. Acredita-se que ocorreu em meados do Século XX). “Nos anos que antecederam à República, a Quadrilha perdeu espaço nos bailes da elite brasileira e foi renovada pela coletividade no interior das cidades” (MENEZES NETO, 2015, p. 105). De tal modo que a eminente festa foi sendo construída como uma manifestação cultural brasileira, e tem uma ligação direta com a definição das classes sociais que demarcam o país.

Chianca (2007) relata que, com categoria difusa, o rural também revela um sistema de ambivalências no qual ele é espaço e testemunha de injustiças naturais, sociais e miséria, mas também de invernos chuvosos, abundância e festas alegres. Ou seja, mesmo com a inviabilidade socioeconômicas dos interiores, o coletivo (o povo) é a essência para a permanência das manifestações culturais e dos saberes ligados à cultura popular nesses espaços.

Com o deslocamento para a zona rural, a Quadrilha permaneceu no cotidiano do ser matuto, o ser ligado com o meio rural, o ser caipira, o homem da roça. Em vista

⁴ Relato do francês F. Dabadie viajou por países da América do Sul e esteve na Cidade do Rio de Janeiro.

⁵ Relatos nos diários utilizados pelos navegantes nas missões de Portugal para as colônias.

disso, a partir dos pressupostos defendidos por Chianca (2007), podemos identificar dois níveis de discursos para a Quadrilha.

- O primeiro, a ligação da festa com elementos próprios sem alterações; a manifestação ligada às suas origens com elementos típicos como: grande roda, anavantu, anarriê.
- E o segundo, a sua associação ao universo simbólico representado pelo território do “interior”, e a representação do homem caipira nos centros urbanos.

A representação dessa figura (matuto) emblemática é caracterizada nas cidades através da Quadrilha pós-moderna⁶, que desde 1930 traz essa representatividade por meio de adereços e da roupa confeccionada com chita, com sua representação sendo sempre caracterizada de forma irônica e emblemática. Segundo Chianca (2007), o “rural” é uma série de representações ambíguas associadas ao campo e a “seu” habitante. Uma delas, o sertanejo, representa as duas visões mais difundidas do sertão, misturando nostalgia com humor depreciativo, compondo uma imagem do “homem do campo”.

Com essa aproximação do ser urbano no campo, o habitante caipira tem uma maior valorização nesse período festivo de vasta comemoração, Chianca (2007) demonstra os variados processos culturais que envolvem a celebração “como a música, a decoração, a culinária, as práticas religiosas, a sociabilidade e a dança proporciona para os seus brincantes”. Portanto, ela alega que:

As representações do caipira/matuto aplicam-se sem dificuldade aos trabalhadores e pequenos proprietários rurais. E mais precisamente aos migrantes internos, porque, para os citadinos, o matuto/caipira não é apenas “um rural”, mas o representante desse universo junto ao citadino. Entre o interior (a “natureza selvagem”) e a capital (a “urbe civilizada”), ele é o mediador do rural e do urbano. (CHIANCA, 2007, p 48)

Então, percebe-se que a Quadrilha brasileira advém do centro para o rural e, posteriormente, faz o caminho inverso, adequando-se aos seus intercâmbios culturais.

⁶ Há várias definições para o período após a Modernidade. Adotamos essa a seguir: Pós-moderno é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas. Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Tomou corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência, sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural” (SANTOS, JAIR 1991, p 7 e 8).

“O que explica esse deslocamento simbólico é o fato político e as implicações culturais da mudança de poder do Brasil republicano, quando os costumes do período colonial e imperial foram desprezados pelas camadas burguesas urbanas e cidadinas” (CHIANCA 2007, p.50).

Desta forma, Menezes Neto (2015) discorre que o universo rural é retratado de modo irônico e exótico nas Quadrilhas; e o ser matuto foi um elemento simbólico utilizado no processo de urbanização das cidades, onde a modernização e o saber estão em oposição alinhada ao atraso e ao inculto, quer dizer, que a representação dessa figura do campo nos centros urbanos é apresentada pelas Quadrilhas Juninas em seus elementos simbólicos, roupa, música e ritos religiosos.

Mesmo com sua chegada às cidades, a Quadrilha tinha suas manifestações de forma simples, sem muitos aparatos modernos, realizada apenas para o entretenimento e manutenção da tradição nas comunidades. Apesar disso, Menezes Neto (2015) pondera que a partir da década de 1990, as Quadrilhas procuraram formas modernas de congregar o regional, o rural e a identidade pré-migratória representadas nas cidades. Por interseção dos grupos sociais que utilizam da Quadrilha como uma forma de sobrevivência no intelectual e sociocultural dos espaços urbanos. Assim com sua existência em diversos meios a consagração da manifestação na cultura popular brasileira veio em conjunto e pela sistemática dos avanços do urbano no rural. Ou como aponta Hermenegildo e Oliveira:

O meio rural é representado no cenário urbano com influências modernas adaptando-se para dentro desta nova realidade sociocultural na qual está inserida. Mudanças como: as rodas de fogueira que em alguns lugares passaram a ser shows pirotécnicos, as comidas típicas como a pamonha, estão disponíveis em diversas lojas e supermercados e as quadrilhas juninas **transformaram-se em verdadeiras empresas**, substituindo as roupas remendadas, o jeito matuto e desdentado do sertanejo por **luxo e beleza**, a improvisação por coreografias ensaiadas, tudo isso mobilizando **figurinistas, costureiros, coreógrafos, marcadores e músicos do mais alto nível**. (HERMENEGILDO & OLIVEIRA, 2015, p.8 – grifo nosso).

Importante destacar que a quadrilha também sofreu alterações de espaço e contexto social. Durante o Império e início da República, dançava-se quadrilha durante todo o ano, sempre que houvesse festa com baile: nos salões da corte e das famílias abastadas, nos bailes públicos realizados nos clubes e agremiações, nos navios

ancorados na Baía de Guanabara, nas festividades que aconteciam em espaços abertos, nas casas do cidadão comum ou integrando uma peça teatral (ZAMITH, 2011, p. 124).

Nas primeiras décadas do século 20, a quadrilha coexiste em distintos espaços e segmentos sociais e inicia um processo de total migração para as festas do ciclo junino do calendário cristão, nele permanecendo até os dias de hoje, mas sempre renovada pela sociedade (ZAMITH, 2011, p. 124).

Desta maneira, ainda hoje, a Quadrilha continua construindo-se como uma manifestação dançante e que envolve fatores políticos, econômicos e sociais dos quadrilheiros. Zamith (2007, p.121) afirma ainda que a Quadrilha atual é uma dança restrita apenas às festividades do ciclo junino, e mesmo com tantas interações, permanecem aspectos oriundos de seus movimentos originais dos bailes oitocentistas⁷, passando de Quadrilha para **Quadrilha Junina** em referência às comemorações do mês de junho, os festejos juninos⁸.

Junho é o mês de referência no calendário para o início do ciclo das festas juninas, a mesma passa a ser também uma homenagem aos três santos do mês: (Santo Antônio - 13/06, São João - 24/06 e São Pedro - 29/06). “Nobre e cortês na origem, a Quadrilha tornou-se uma dança e um espetáculo popularizado e reinventado, marcando as festas de São João de todo o país” (CHIANCA, 2007, p.50). Outro entendimento é que a Quadrilha é realizada nos meses do solstício de inverno.

A música (especialmente o forró) e a dança passam a ser elementos de extrema relevância para os festejos de São João comemorados em todo país no mês de junho. Mas como assinala Rangel (2008, p.13), embora a festa de São João nos dias atuais esteja ligada ao misticismo da Igreja Católica, a tradição surge do paganismo e do culto à Juno, deusa da fertilidade, pretendendo alcançar fartura e boas colheitas através de seus ritos e festividades.

⁷ Termo de dois gêneros que indica uma coisa relativa ou uma pessoa que viveu nos anos de 1800.

⁸ Na página do Ministério da Cultura há a seguinte explicação: “trazida pelos portugueses, a festa junina se chamava ‘Joanina’, pois fazia parte das celebrações do dia de São João Batista. Segundo uma crença católica, Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus Cristo, teria feito uma fogueira para avisar sobre o nascimento de seu filho João Batista. Outras tradições, no entanto, afirmam que as fogueiras afastam os maus espíritos e têm poder de purificação”. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1418548

Para sua realização periódica, ou seja, sua existência e permanência, assim como qualquer outra atividade desenvolvida ao longo do tempo, as quadrilhas acabaram sofrendo alterações decorrentes de fatores econômicos, políticos e das apropriações culturais nelas inseridas por intermédio de sujeitos sociais que as pratica.

3. ELEMENTOS SIMBÓLICOS DAS QUADRILHAS JUNINAS NA REGIÃO NORDESTE

Percebe-se que a Quadrilha Junina está presente em todo território nacional, contudo a dança tem características próprias em cada região e formas singulares nas suas coreografias, roupas e músicas. A composição da dança tem uma constante alteração em sua fórmula, passando por vários formatos ao longo dos séculos, “sua coreografia tinha duas bases; *round* e *longwy*⁹, sua formação vem desde do *country dances* dançando na Inglaterra desde o século 17, sendo realizada no campo, e na corte inglesa” (ZAMITH, 2007, p. 118 e 119).

Sua ligação com as condições culturais, sociais e políticas, faz com que “a dança sofra adaptações, por seus brincantes, na cultura de cada região, assim, passou e passa por alterações decorrentes da conjuntura do seu meio, por isso, a mesma mostra hábitos e costumes das pequenas e grandes comunidades ao longo do tempo,” (LEAL, 2011, p 52). A manifestação apresentada hoje circula sem uma definição de público, sendo praticada em todos os tipos de territórios, adaptando-se¹⁰ com a realidade geográfica, tradicional e política das regiões brasileiras.

⁹ Round e longwy Formação da dança em roda ou linhas.

¹⁰ No livro “A quadrilha, da partitura aos espaços festivos - Música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista”, a etnomusicóloga Rosa Maria Zamith nos apresenta que após sua chegada ao Brasil, a quadrilha (enquanto gênero musical) rapidamente espalhou-se e tornou-se popular (...) “consequência do importante comércio de partituras importadas da Europa e das impressas no país, da habitual feita de cópias manuscritas e da divulgação das peças por músicos pertencentes a diferentes estratos sociais, que a aprenderam por partitura ou ‘de ouvido’. Sua longevidade deve-se, ainda, aos compositores que continuaram a criar o gênero, entre eles, alguns brasileiros da segunda metade do Oitocentos que realizaram inovações na quadrilha. Balizar as transformações ocorridas nesse processo composicional é inviável, devido à impossibilidade de datação da composição e de sua publicação e, ainda, por se ter consciência de que não foram encontradas muitas partituras de quadrilhas editadas no país. Entretanto, pode-se afirmar que na década de 1860, portanto, cerca de 20 anos após a publicação das quatro quadrilhas que integram A Coroação de S.M.I.D.Pedro^{2º}, surge a designação ‘quadrilha brasileira’, apontando para uma composição que busca romper com o formato da quadrilha francesa. A partir de então, e cada vez mais, as quadrilhas compostas no país estão **impregnadas de gêneros oriundos do exterior ou configurados no país e que aqui se mesclaram - polca, habanera, marcha militar, valsa,**

É importante destacar que contradança e quadrilha podem remeter a diferentes significados, permitindo associações com variados universos sonoros, coreográficos e sociais. Isso ocorre porque, com frequência, a designação de uma dança ou gênero musical não aponta para um único modelo, "fechado", sempre reproduzido em sua integralidade, pois a partir de um arcabouço conhecido socialmente, os indivíduos fazem releituras e adequações às possibilidades materiais, humanas e contextuais de sua época.

O elemento musical de uma suposta brasilidade fica evidente por conta do “ritmo, movido e contramétrico, resultado da criatividade de nossos compositores, que tornaram a quadrilha mais divertida e atualizada com o gosto da sociedade” (ZAMITH, 2011, p. 123). E para acompanhar esse ritmo, a presença da figura do Marcador foi essencial para a manutenção da quadrilha. O marcador é um mediador da memória coreográfica para cada ensaio atuando na seleção, ordenamento e no comando da sequência de passos adequados para a ocasião. “Ao marcar a quadrilha, ele viabiliza a realização da dança, fazendo com que os dançarinos relembrem ou aprendam os movimentos por ele indicados e, ainda, guia os distraídos” (ZAMITH, 2011, p. 124).

Na região Nordeste¹¹ do Brasil vem sendo um dos principais palcos da Quadrilha Junina, onde a mesma congrega alguns elementos típicos como: o xaxado, o xote, o baião e o forró. Desta forma “é provavelmente o elemento cultural nordestino que sofreu maior mudança em suas características visuais, físicas e coreográficas. Para suas apresentações nos diferentes “arraiais¹²” durante o mês de junho e início de julho” (HERMENEGILDO & OLIVEIRA, 2015, p.6). A manifestação passa a ser uma representação de diversas tradições culturais, interagindo com o social, político e regional.

modinha, tango, fadinho, lundu e maxixe -, em permanente diálogo de gêneros musicais” (ZAMITH, 2011, p. 123 – grifo nosso).

¹¹ O calendário das Festas Juninas da região Nordeste é movimentado entre os meses de maio e junho. Envolve comidas e danças típicas, música regional, religiosidade em comemoração aos três santos católicos: Santo Antônio (13), São João (24) e São Pedro (29). “As festas de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB) disputam o título de maior São João do Mundo, atraindo multidões. Juntas, as duas cidades devem receber 5 milhões de pessoas este ano. Mossoró (RN) é outro destaque da agenda nacional, além de São Luís (MA), Teresina (PI), Salvador (BA) e Aracaju (SE). Cada qual com suas características próprias”. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1418548

¹² Nomenclatura utilizada no Nordeste para se referir aos espaços das Festas Juninas.

Percebemos essas adaptações nos festejos juninos, onde a Quadrilha é ovacionada por todo público, assim, ocasionado uma transmutação e interlocução do real/imaginário, o campo/cidade e cidade/campo. De todo modo que novos arranjos passaram a fazer parte na caracterização da Quadrilha Junina Nordestina. “Não estamos mais no tempo em que produção industrial e cultura remetem a universos separados, radicalmente inconciliáveis; estamos no momento em que os sistemas de produção, de distribuição e de consumo são impregnados, penetrados, remodelados por operações de natureza fundamentalmente estética” (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p.9). Ou seja, a linha que demarca a fronteira do campo e cidade veio a desaparecer com o processo de amadurecimento da tradição, na permanência no nosso imaginário e com processo de globalização no mundo.

No Nordeste, a Quadrilha é separada em 3 tipos de dança como aponta Chianca (2013), a tradicional, paródia e estilizada, onde podem ser apresentadas na cidade ou no campo nos dias atuais. Segundo a autora, os grupos são definidos nas diversas estéticas disponíveis no acervo cultural contemporâneo. Descreve as três formas de quadrilha como:

A primeira é marcada pela representação mais ou menos pejorativa do homem “caipira”, ou “matuto”, numa versão que pretende ser mais próxima da tradição – daí seu nome “tradicional”. Reforçando o grotesco da dança matuta, e recriando uma versão burlesca da festa tradicional, as quadrilhas de paródia são marcadas pela inversão e pelo riso, misturando drag queens ao forró: são grupos “de inversão”, com dançarinos representando gêneros contrários (homens e/ou mulheres travestidos). Rompendo com a caricatura sempre presente nessas duas versões temos a “nobre” quadrilha estilizada, recriando as referências rurais numa visão universal, em que o homem do campo se aproxima de um *agrobusiness man* globalizado que trabalha a terra “sem sujar as mãos”. (CHIANCA, 2007, p.90)

O grotesco como aponta a autora é referência às características do homem caipira representados pelas quadrilhas juninas nas cidades aonde essa representação vem em forma de paródia nas músicas, na inversão de papéis (mulheres vestindo de homens e homens vestidos de mulher). Representações de uma vida no campo sem precisamente ter vivenciado para ser contada nos arraiais, ou como a autora descreve homem do campo que trabalha a terra “sem sujar as mãos”.

Em geral as três definições da Quadrilha Junina seguem o mesmo roteiro: passos característicos, casamento, música, rainha, noivos e marcador, porém o que os

diferencia é a maneira de como cada artifício é apresentado nas representações da dança.

- A quadrilha tradicional: tem sua montagem onde permaneçam suas características de origem, na música utiliza o repertório tradicional como as músicas que vão de Luiz Gonzaga a bandas de forró como Mastruz com Leite; sua realização tem maior frequência nas escolas, sendo fiel aos passos originais da Quadrilha.
- Paródia: tem suas representações de forma humorada com representação do homem caipira, onde o humor é principal artifício desses grupos.
- A Quadrilha estilizada é a que usa aspectos tecnológicos, assim deixando suas características de base. Tem suas atividades iniciadas cerca de 8 (oito) meses antes do ciclo junino, é a representação da quadrilha Junina a utilizar mais aparatos modernos, e talvez é a forma encontrada pela sociedade para manter a manifestação. Sua montagem se dá muitas vezes a partir de uma pesquisa de campo realizada pelo o grupo junino, onde as músicas e coreografias são pensadas em conjunto com o tema ou homenagem escolhidos para o trabalho a ser a realizado durante o São João. As mesmas são encontradas nos grandes festivais Juninos. “Seus ensaios ocorrem em lugares fechados, inacessíveis ao público (e aos concorrentes) e se prolongam pelo menos de janeiro a junho” (CHIANCA, 2013, p. 91).

Estas quadrilhas modernas para Leal (2011) foram aos poucos sendo introduzidas pelos quadrilheiros, nas apresentações das festas e, principalmente, nos concursos, e de certo modo rompiam com a Quadrilha Tradicional Roceira.

O extinto grupo Junino Beija-Flor do Sertão foi uma das Quadrilhas pioneiras nos novos elementos incorporados com a estilização da dança, o grupo inovou em 2005 quando trouxe para o São João composições próprias nas músicas que embalaram seu enredo, a mesma, em 2007, trouxe em seu enredo A Alma do Povo “o Índio”, conseguindo o prêmio Nacional de Quadrilha Junina, no 3º Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas. E, em 2008, o grupo se despede do São João trazendo uma narrativa da História das Quadrilhas Juninas com seu arranjo musical acústico.

“Falando em estilizadas a beija-flor mostrou sua cara, identidade e local nos festejos juninos, o tema foi bem apresentado, belos adereços e alegorias[...]

Parabéns pela homenagem aos nossos índios, se índio dança ou não quadrilha o que importa? A Beija-flor os homenageia”. Revista Arraia (2007)

“Beija Flor que Chegou, olha
Para dançar o São João na Roça
Uma Quadrilha tão bela
Beija Flor do Sertão nos leva
Como vento levou, a folha
O que traz brilho nas noites
Brilha também nesta festa ô Beija Flor
Me dê a sua mão e vem São João dançar
Pois o amor da minha vida acabou de chegar
É noite de fogueira, vem soltar balão
Pois a minha Beija Flor chegou para dançar
Mas um São João
O São João é nosso, ninguém vai nos segurar.”

Esse processo de estilização na sua construção cultural apresenta-se no poder simbólico e na sua permanência como um bem cultural celebrado até os dias atuais. Chianca (2013) nos diz que com fator comercial à dança, esses grupos voltam seus olhares para as competições onde investem na busca de títulos, troféus e vitórias.

Com o fator da estilização da Quadrilha Junina, e com os grandes números de grupos juninos, surgem os festivais de quadrilha, um fator em decorrência da popularização das atividades juninas, os festivais podem ser encontrados, no campo e na cidade, festivais pequenos de 1 a 3 dias ou grandes festivais, como o festival Ceará Junino, e realizados anualmente nas cidades Caruaru-PE e Campina Grande, -PB onde as maiores quadrilhas da região Nordeste se apresentam. Essas festas são o principal evento de visibilidade onde as Quadrilhas Juninas se apresentam. Os festivais hoje são tão populares quanto o carnaval do Rio de Janeiro.

Para Juliana Hermenegildo e Maria Érica Lima (2015), em pesquisa desenvolvida sobre a representatividade e tradições nordestinas dentro das quadrilhas juninas que se apresentam no programa São João do nordeste da rede Globo de televisão, a mídia opera nas novas reconfigurações adotadas pelas quadrilhas juninas. Entendemos, portanto, que as competições transmitidas para toda a região fazem com que o espetáculo presencial e virtual ganhe dimensões maiores, tudo muda, assim como o figurino, o ritmo musical, o tipo de composição, a coreografia, entre outros aspectos simbólicos.

Nesse mesmo sentido, Valdir Morigi (2005) em sua pesquisa intitulada “Mídia, Identidade Cultural Nordestina: festa junina como expressão” indaga sobre a transformação dos festivais juninos em atrações turísticas e concomitantemente às ideias de indústria da cultura (cf. Escola de Frankfurt/Adorno e Horkheimer) com os grandes espetáculos urbanos e a construção de identidade regional nordestina a partir do São João.

Com o fator mercadológico e o surgimento do mundo da informática e da tecnologia, as Quadrilhas Juninas tiveram que construir novas demandas, impostas pelo sistema capitalista, onde tudo se transforma e se inova, transparecendo o surgimento de algo novo, uma nova identidade (ou novas identidades), sendo que é apenas uma ressignificação de símbolos e elementos, do tradicional para o contemporâneo. Com as novas demandas das quadrilhas estilizadas e os festivais de quadrilhas, no Nordeste e em todo o Brasil surgem as entidades juninas, nas quais as mesmas vêm com a ideia de preservar e manter o ciclo junino em conjunto com o Estado e o povo.

Cabe ressaltar ainda que o ambiente no qual as Quadrilhas Juninas estão circunscritas durante todo o mês de junho revela muito sobre sua incorporação aos mecanismos de mercado. Num estudo sobre “O Maior São João do Mundo” que acontece na cidade de Campina Grande (PB), Zulmira Nóbrega (2012) analisa essa celebração popular do ciclo junino da Região Nordeste sob o aspecto da indústria cultural e também como expressão identitária, lúdica e simbólica:

As estruturas de reprodução das representações artísticas do Maior São João do Mundo expõem não apenas as enunciações da indústria cultural, mas também um rico e variado complexo de expressões da cultura popular nordestina, as quais, mediante sua força simbólica inerente às questões humanísticas de identificação cultural e pertencimento, possuem grande força para desencadear os processos de participação, inspiradores e estimulantes para os atos festivos. Nesse sentido, a mostra de expressões culturais

tradicionais **seria uma forma de recuperação de representações que se diluem no tempo, uma oportunidade para o conhecimento de representações antigas tradicionais** para quem nunca as viu, o público jovem e turistas que estreiam na festa, por exemplo (NÓBREGA, 2012, p. 13 – grifo nosso).

Com isso na Quadrilha Junina contemporânea, a(s) identidade(s) cultural(is) da região Nordeste vem sendo construída(s) e também reelaborada(s), sendo considerada um bem cultural nacional que ultrapassa as demais camadas sociais. Transformada ainda em uma atração do turismo de massa, movimentando uma economia de milhões para toda região. Com a quadrilha estilizada, fez surgir uma “nova cultura”, ressignificada. Onde a tradição e a identidade se encontram com a tecnologia e com o lucro, fazendo com que as Quadrilhas Juninas comecem a fazer parte do mercado capitalista do entretenimento incorporando o aspecto industrial da cultura e, mais recentemente, da economia criativa.

3.1. Tradição e Estilização: o caso do Arraiá Lagoa Azul de Jijoca de Jericoacoara no Ceará

A cidade de Jijoca de Jericoacoara localizada ao norte do Ceará é conhecida por seu imenso patrimônio natural, mas dispõe também de um vasto cenário de tradições culturais. A Quadrilha Junina é a tradição cultural que mais se faz presente no imaginário e no social dos munícipes de Jijoca de Jericoacoara, tendo uma ligação direta com a realidade cultural e histórica do município. Para Ecléa Bosi (2009, p.33), “o conjunto que afeta de modo poderoso à percepção da realidade que nossa cultura está sempre reelaborada e conjunto em que interessa diretamente o comportamento do indivíduo em face dessa mesma realidade”.

Com isso, a ligação do povo com a tradição Quadrilha Junina é cantada e dançada pelo tradicional grupo junino Arraiá Lagoa Azul (ALA). O Arraiá Lagoa Azul, fundado em 1996, por agentes sociais e o poder público municipal (alunos e professores da rede pública de educação), leva em seu nome uma homenagem a lagoa de águas cristalinas que banham o município. Como apontado por Bosi (2009), as transformações e percepções de mudanças culturais são transpassadas por quem a acompanha. Nesse sentido, compartilhamos entrevista feita com a ex-integrante do Grupo ALA e quadrilheira Laiana Oliveira:

“Eu tenho muita admiração pela história do grupo, por ele levar no nome de fato a simbologia do município e principalmente, gratidão, por tudo que vivi nesse grupo, por tudo que conquistei nele. Iniciei no grupo Lagoa Azul em 2006, e permaneci até 2011. Porém desde a infância dancei quadrilha e tive outras experiências em grupos diferentes, sempre gostei de me envolver no São João, além de dançarina, me engajei em outras atividades que também fazem parte desse universo junino, e até hoje contribuo no movimento” (Laiana Oliveira, 2017).

A quadrilheira Laiana vem desde então proporcionado uma interação social e um intercâmbio cultural dos jovens:

“Para mim que sou quadrilheira, eu diria que nenhuma palavra expressa de fato o real sentimento de viver o São João de perto, tem que amar, tem que sentir, **ninguém vira quadrilheiro, já se nasce quadrilheiro**. Eu acredito que no contexto atual, por se tratar de uma dança cultural, há sim uma grande interação social, pois há esse contato e comunicação entre os envolvidos. Apesar de vermos nos grupos juninos maiores pessoas mais experientes, pode-se ver também a grande busca de trazer **jovens que possam dar continuidade a esse trabalho**, que resulta em uma mudança comportamental” (Entrevista - Laiana Oliveira, 2017 – grifo nosso).

Observa-se o sentido de tradição operando em sua fala, mas também o caráter de renovação e olhar para o futuro para manutenção do grupo.

Além de estar sempre na busca de símbolos modernos para a Quadrilha, surgindo a estilização, podemos dizer através das reflexões de Jesus Martín-Barbero (1997), que a quadrilha sofre um processo de enculturação, uma mistura de símbolos, e práticas adotadas com o passar do tempo nas manifestações e tradições. “Em dois campos se faz especialmente claro o sentido tomado pelo processo de enculturação” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 130). Quando a manifestação é transformada por meio atemporal (Tradicional - a evolução da manifestação sem perda nas características originais) ou quando é ditada pelo processo transformação que adota simbologias sociais e políticas (Estilizada).

“Mas na prática, é muito mais do que isso, é sim uma dança, mas além disso o que vemos é muito envolvimento dos integrantes, tanto emocional quanto físico, é a dedicação de meses em prol da realização deste trabalho” (Laiana Oliveira, 2017).

Podemos dizer que o grupo ALA está presente nos dois momentos apresentados por Martín-Barbero: na interlocução e adaptações da manifestação cultural no

engajamento que acaba sendo político na região, pois faz com que a quadrilha sobreviva. Na tentativa de acompanhar as mudanças e pressões estéticas do campo do turismo e entretenimento foi feita contratação de coreógrafos da capital Fortaleza, assim o grupo passava a cada ano a adotar aparatos da quadrilha estilizada. Contudo, por estar distante do grande centro urbano do Ceará, não mudou totalmente, continua interagindo com o tradicional. A importação de um modelo não se fez pleno.

O grupo ALA apresenta uma sistemática da manifestação interagindo e negociando com o tradicional e estilizado de forma constante e suave, percebemos essas interlocuções na movimentação da Quadrilha Junina na análise dos vídeos do grupo disponibilizados na web nos anos de 2005, 2009, 2011 anos em que estive presente no São João do Ceará. E 2017 uma atualização dos aspectos da quadrilha e do festival de Quadrilha do município na sua 25ª edição.

Figura 01 e 02 - Casal de Rei e Rainha, Integrantes do Grupo Arraia Lagoa Azul



Fotos: Laiana Oliveira, 2004 e 2005.

No ano de 2005, a quadrilha utiliza da literatura de paródias para compor seu enredo, inspirada na canção Romaria, o ALA conta a vida dos jijoquenses, mostrando tradições religiosas, formas de vida, e o belo cenário de paisagens que Jijoca de Jericoacoara. A coreografia da mesma é um misto de passos originais, como a dança no formato de roda, apresentação de rainha e noivos, além de ter o casal destaque à frente da quadrilha (característica não adotada mais), suas roupas eram confeccionadas com tecidos em xadrez e poucos adereços de ornamentação.

Músicas para coreografia;

<p>“Oba, oba, oba, Alagoa azul já chegou para encantar. Oba, oba, oba, Vamos brincar e dançar nesse arraiaar. Nossa quadrilha, Esse ano vem mostrar as belezas de Jijoca lhe cantar. Vem cá, vem comigo nessa festa Eu quero ver você comigo cantar Nossa quadrilha, nessa união. Quadrilha igual a essa não a não É por isso nesse arrasta pé A lagoa azul vem dançar quem ela é.”</p>	<p>“Nós vamos cantar, As belezas que há Em Jijoca de Jericoacoara Terra abençoada, A lagoa mostra de agua azul como mar, Que vive a terra banhar. Em dezembro todo povo canta, Reza, a Santa Luzia que ilumina com seus olhos santos. O povo em romaria, quando o sino da igreja toca E a oração no teu subia, com a fé o homem que reza ave maria. O lavrador vem mostrar como a terra arar, Com suas mãos e palmas calejadas, Em nome do trabalho semear, plantar, colher e viver na vida, sofrida, amar. E a lagoa de cor cristalina é o paraíso que vive a sonhar. E apaixonava aquém, aqui a visita E quem aqui chegar, Suas águas no horizonte brilhar, Em suas margens a visar, A história do homem que vive dela se orgulhar. O pôr do sol sobre o mar E o turista se encanta com as dunas de braças areias A pedra furada e os coqueiros embalar suas folhas no ar E o farol com sua luz guiar. Em Jeri a jangada sangra o verde mar, O pescador buscando seu sonho e pão de cada dia. Vem comigo conhecer minha terra, Jijoca linda menina, certa em encanto. O mundo todo lhe fascina.”</p>
--	--

Figuras 03 e 04- Casal ALA 2005, apresentação do grupo ALA



Fotos: Laiana Oliveira, 2005 e 2006.

A Lagoa Azul em 2009, já apresenta características de quadrilhas estilizadas, apresentado para seu público, na sua vestimenta, o xadrez deixou de estar presente, a blusa, paetê, e o brilho já fazem parte do São João do ALA. Na música, a quadrilha utiliza uma mistura de velhos e novos arranjos já consagrados pelas Quadrilhas Juninas.

Figura 05- Apresentação ALA 2009



Fonte: Laiana Oliveira, 2009.

Em 2014, espírito do coletivo permeou o grupo junino, com novos integrantes e um cenário político não propício para as atividades culturais em todo município, agentes culturais e quadrilheiros da cidade se organizaram e fizeram a festa acontecer, realizando atividades como concurso de rainhas, encontros sociais, maneiras de promover a união, a manutenção do Arraiá Lagoa Azul.

Figura-06 Apresentação do grupo ALA no Festival Jijoca-Jeri Junino¹³



Fonte: Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara/Hedigley Mendes, 2017(internet)

FIGURA 07- Agenda Arraiá Lagoa Azul

¹³ Figuras 06,07 e 08 capturadas da internet divulgadas e disponibilizadas pela Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara-CE



Fonte: Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara/Hedigley Mendes, 2017

Em 2017, o grupo Junino é reconhecido como patrimônio cultural¹⁴ imaterial do município de Jijoca de Jericoacoara, destacando o papel das políticas culturais locais em apoiar essa manifestação e sua trajetória na construção, manutenção e ressignificação das identidades da cidade.

Ainda em 2017, o Arraiá Lagoa Azul mais uma vez utiliza dos encantos de Jijoca de Jericoacoara como tema de seu enredo, cantando e dançando as lendas de Jericoacoara, depois de 04(quatro) anos de instabilidade política para a cultura municipal, Jijoca inova na sua Tradicional Quadrilha e em seu Festival de Quadrilha.

O festival Junino na cidade de Jijoca de Jericoacoara em 2017 veio com o diferencial, além de sua realização no centro da cidade como foi nas últimas 24 edições, na sua 25ª edição, o poder público em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura faz uma divisão do festival em 2, sendo os dois primeiros dias realizado em Jijoca (centro) e o último dia em Jericoacoara (zona turística), assim intitulado “Jijoca-Jeri Junino”. Com uma megaprodução de três dias de evento, o festival junino surgiu com aspectos de grandes festivais de quadrilha, contendo uma cidade junina cenográfica, shows de bandas de forró. O evento ganha destaque no interior do estado sendo considerado um dos melhores festivais de quadrilhas da região do Vale do Acaraú.

¹⁴ Ver anexo I publicação do reconhecimento do Grupo ALA como patrimônio cultura da cidade de Jijoca de Jericoacoara-CE

FIGURA 08- Programação Festival de Quadrilha Jijoca -Junino



Fonte: Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara/2017

O um dos sites de notícia da região O ACARAÚ vem com o título de sua reportagem “Com sucesso, Jijoca de Jericoacoara realizou o XXIV Festival de Quadrilhas Jijoca Jeri Junino”

A cidade de Jijoca de Jericoacoara volta a protagonizar o melhor Festival de Quadrilhas do Vale do Acaraú, e porque não dizer da Zona Norte do Estado. A atual gestão jijoquense, comandada pelo prefeito Lindbergh Martins, realizou neste último final de semana o XXIV Festival de Quadrilhas JIJOCA JERI JUNINO 2017. Foram três dias de muita animação e tradição com as melhores quadrilhas do estado do Ceará. Durante três noites houve apresentação de 14 quadrilhas representando as cidades de Fortaleza, Horizonte, Maracanaú, São Gonçalo do Amarante, Itapipoca, Sobral, Cariré, Acaraú, Quixeramobim, Santana do Acaraú e Jijoca de Jericoacoara. Houve ainda shows com grandes atrações musicais como Gabriel Diniz, Solteirões do Forró, Forró Real e Ítalo e Reno. O XXIV Festival de Quadrilhas JIJOCA JERI JUNINO 2017, contou ainda com uma belíssima cidade cenográfica, com vida, que foi uma das grandes atrações para os jijoquenses, turistas e visitantes. O evento voltou a colocar a cidade no rol dos melhores festivais do estado. O evento foi bastante elogiado por turistas, visitantes, e principalmente pela população. O evento em Jijoca de Jericoacoara mostrou que quando uma administração quer, faz um evento de qualidade para sua população, atraindo visitantes e gerando renda. Com um evento deste porte, desta qualidade, o munícipe sente à vontade de sair de casa e acompanhar toda a programação. (Blog, O Acaraú, 2017)¹⁵

O ALA, tem em sua construção as características apresentadas nas Quadrilha Juninas ao longo do seu processo de construção, a mesma tem sua formação em aspectos rurais, onde a cidade acabara de se emancipar politicamente, e acompanhado as transformações do movimento junino por meio de intercâmbios, em suas apresentações no estado do Ceará.

¹⁵ Disponível em < <http://www.oacarau.com/2017/07/com-sucesso-jijoca-de-gericoacoara.html#ixzz4y4UouFYW>> Acesso em 09/11/2017

Apesar da relação aparentemente positiva com o poder público local, sabemos que o efetivo reconhecimento somente se dá com apoio financeiro constante, com uma política sólida que proporcione continuidade para manutenção das atividades e melhor envolvimento de jovens para a renovação dos componentes. O tensionamento dos gestores culturais municipal, estadual e nacional deve ser contínuo, como uma luta que incessante.

4. ENTIDADES JUNINAS E POLÍTICAS CULTURAIS

O campo das políticas culturais no Brasil é marcado por uma tríade defendida por RUBIM (2008) como três tristes tradições: ausências, autoritarismos e instabilidades. Em geral, essas tradições promovem um enfraquecimento histórico do campo da cultura no Brasil. Dois momentos notórios da história das políticas culturais no Brasil, por meio de modelos nacionais de gestão em cultura, são: a passagem de Mario de Andrade no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo entre 1935 e 1938, e desde a criação do Ministério da Cultura em 1985, a gestão mais avançada foi a do Ministro Gilberto Gil (2003-2008), durante o governo do presidente Lula.

Segundo Rubim (2008), um dos aspectos mais positivos na avaliação da gestão Lula / Gil na cultura é a abrangência no conceito de cultura assumida como meta pelo Ministério da Cultura. Contudo, houve enfrentamentos inevitáveis como a questão do financiamento da cultura.

Desde a perversa instalação das leis de incentivo, que penetraram e contaminaram toda a arquitetura institucional da cultura, em seus diferentes patamares, existem enormes problemas neste registro. As leis de incentivo, ao ganharem tanto protagonismo, parecem esgotar o tema das políticas de financiamento da cultura, quando não das próprias políticas culturais. Elas agridem a democracia, ao introduzir uma enorme distorção no poder de decisão do estado e do mercado no uso das verbas públicas. Apesar dos avanços inegáveis, com a instituição de uma política de editais para a cultura no ministério (Fundo Nacional de Cultura) e nas empresas estatais (A Petrobrás é o maior exemplo), o tema ainda demanda um grande esforço para superar a lógica neoliberal que entronizou o mercado como o poder de decisão acerca da cultura brasileira. A revisão ainda não aplicada das leis de incentivo demonstra os limites da atuação neste campo. Mas que isto, a ausência de uma política de financiamento da cultura em plenitude corrói muitas das iniciativas do ministério, inclusive aquela primordial de fazer o Estado assumir um papel mais ativo na cultura (RUBIM, 2008, p. 16).

A obtenção de pelo menos um por cento do orçamento para a cultura e o aumento de recursos para o campo são temas, segundo Albino Rubim (2008), que poderiam associar-se à construção institucional de uma política de financiamento, em sintonia com uma política pública e nacional de cultura.

Ela deve garantir: 1.papel ativo e poder de decisão do estado sobre as verbas públicas; 2. Mecanismos simplificados de acesso aos recursos; 3. Instâncias democráticas de deliberação acerca dos financiamentos; 4. distribuição justa dos recursos, considerando as regiões, os segmentos sociais e a variedade de áreas culturais; 5. modalidades diferenciadas de financiamento em sintonia com os tipos distintos de articulação entre cultura e mercado, acionando, por exemplo: empréstimo, micro-crédito, fundo perdido, fundo de investimento, mecenato,marketing cultural etc (RUBIM, 2008, p.17)

Nesse sentido, a representatividade de classe é fundamental para fazer pressão na constituição de políticas culturais sólidas. Para que as atividades Quadrilheiras sejam realizadas de forma contínua e sistemática a sociedade quadrilheira (civil) surgiu com as entidades juninas, organizações não governamentais sem fins lucrativos da sociedade civil, com princípio de fomentar e assegurar que a tradição Quadrilha Junina permaneça e tenha continuidade em suas atividades. As entidades juninas como FEQUAJUCE (estadual), UNEJ (regional) e CONFEBRAQ (nacional). São os principais meios de comunicação e articulação entre o mundo Junino e estado. As mesmas são responsáveis pela busca difusão, fruição e fomento do movimento junino municipal, estadual, regional e nacional.

A Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará (FEQUAJUCE) foi fundada em 13 de março de 1990, entidade junina de cunho sociocultural e sem fins lucrativos, tendo como “princípios em divulgar, promover, preservar e difundir as tradições da Quadrilha Junina em todo estado do Ceará”. (HAYESKA COSTA, 2013, p. 31).

A Fequajuce é responsável pela organização do campeonato cearense de Quadrilha Junina, Festival de etapa classificatória para o festival Nordeste de Quadrilha Junina, festival patrocinado pela Rede Globo de Televisão. A entidade é responsável também pela mediação do movimento junino com o estado, onde tenta assegurar os direitos culturais.

A União Nordestina de Entidades Juninas (UNEJ) é uma entidade quadrilheira fundada em 2002, com princípios de promover o crescimento das Quadrilhas Juninas na região nordeste. Com 9 (nove) parcerias estaduais, a mesma é responsável pela organização e divulgação dos festivais regionais no Nordeste.

CONFEBRAQ, Confederação Brasileira de Entidades Juninas surgiu com o intuito de preservar as tradições das Quadrilhas Juninas, viabilizado a inserção social, a promoção econômica e o acesso à cultura em todo território nacional, representando 22 entidades juninas estaduais e mais de 6 mil grupos Juninos.

Em 2011, houve um avanço no campo das políticas culturais direcionadas aos festejos juninos, com a chegada da lei 12.390 que instaura no Brasil o Dia Nacional do Quadrilheiro Junino, dia 27 de Junho. De acordo com a Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas (Confebraq), que representa 20 entidades estaduais em todo o território nacional, "ser quadrilheiro é levar o São João no sangue, é fazer das fraquezas as forças para ultrapassar as barreiras e levar para todos os cantos do Brasil essa grande cultura, que emociona, que alegra e contagia. Ser quadrilheiro na raça é ser junino o ano inteiro"¹⁶.

Em 13 de janeiro de 2016¹⁷, gestores do MinC receberam integrantes da Confederação Brasileira de Entidades Juninas (CONFEBRAQ) na qual a instituição é responsável em representar¹⁸, preservar e fomentar o movimento junino em 20 estados do país de Norte a Sul.

"Para nós, quadrilheiros do Brasil, é uma honra estar aqui. Do Nordeste ao Sudeste, do Sul ao Norte, o Brasil guarda cerca de 1 milhão de brincantes em todos os cantos, perpetuando este movimento cultural. Somos também milhares de profissionais envolvidos. Desejamos o reconhecimento e o apoio necessários", ressaltou o presidente da Confebraq, Carlos Brito.

Na ocasião o ex-ministro Juca Ferreira foi representado pelo seu assessor Frederico Maia que proferiu a seguinte fala:

"Particularmente, entendo que o São João é a festa popular mais importante do País. Precisamos, dentro de nossas possibilidades, construir uma política que atenda as quadrilhas juninas. Nós, do

¹⁶ Informações disponíveis em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/dia-do-quadrilheiro-junino-“ser-quadrilheiro-e-levar-essa-cultura-que-emociona-alegra-e-contagia”/10883

¹⁷ Informações disponíveis em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/minc-recebe-entidades-de-quadrilhas-juninas/10883

¹⁸ Embora a entidade seja representante, observa-se também a necessidade de participação de alguns integrantes das quadrilhas juninas nesses fóruns e espaços políticos.

Ministério, sabemos o que vocês fazem, e claro que precisamos entender ainda mais. Mas vocês precisam entender o que faz o Ministério também. Há uma série de políticas que vocês têm de operar junto conosco, para que atuem de modo a serem beneficiados pela lógica da política cultural que já está à disposição” (MAIA, 2016).

Maia discorre ainda sobre a importância que o movimento junino tem para a cultura, destacando também a necessidade de articulação nas demais esferas do poder público “Temos de convocar outros ministérios, vereadores, prefeitos, deputados, governadores, senadores, Presidência da República”.

Discutindo ainda sobre o poder econômico que os movimentos juninos dispõem, diz: “R\$ 200 milhões são injetados por ano na economia de diversas cidades a partir da atuação das entidades credenciadas”. (...) “mas para chegar lá, cada quadrilheiro batalha com suas rifas, festinhas e outras formas de arrecadação de recursos. É assim que as quadrilhas se mantêm”, explicou Carlos Brito. A assessora Rejane Nóbrega representando a Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural (SCDC) ressaltou sobre a cadeia produtiva das Quadrilhas Juninas, destacando a mobilização social que o movimento proporciona nas cidades, na região e no país.

O diretor de Gestão de Mecanismos de Fomento da Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura (SEFIC), Leonardo Hernandez, destacou como as festas juninas são um exemplo da força da economia criativa brasileira. O encontro finalizou com uma proposta de trabalho na qual “-Esta reunião marca então o início de uma agenda de trabalho para a construção de uma política cultural para as quadrilhas juninas brasileiras, tão ricas em aspectos sociais, culturais, comunitários”, resumiu o chefe de gabinete da SEFIC, Raphael Valadares.

Em sua meteórica passagem pelo MinC (maio à novembro de 2016), Marcelo Calero fez viagem para apreciação do movimento junino na região Nordeste. A primeira cidade foi Caruaru em Pernambuco, cidade que no mês de junho tem um dos maiores São João do país. Calero visitou ainda o Festival de Campina Grande na Paraíba, o maior festival junino do Brasil. Sua fala: “Campina Grande é um berço cultural muito forte no País. A cidade abriga inúmeros artistas e ricas manifestações artísticas e acervos culturais”. Destacando a importância do evento como representação da identidade da região Nordeste e do Brasil.

Com a saída de Calero da pasta, Roberto Freire assume o MinC (novembro/2016) e sugeriu que as tradicionais festas juninas das cidades de Campina Grande (PB) e Caruaru (PE) sejam produzidas por meio da Lei Rouanet. A proposta articulada com o deputado federal Rômulo Gouveia (PSB-PB) e os prefeitos de Campina Grande, Romero Rodrigues, e de Patos (PB), Dinaldo Filho. Em dezembro de 2016, o MinC disponibilizou R\$300 mil para os festivais de quadrilha de Campina Grande-PB e Caruaru-PE. Porém o ex-ministro cita que pela Lei Rouanet a prefeitura tem possibilidades de garantir um maior montante da verba para a realização dos eventos. "Tanto o São João de Caruaru quanto o de Campina Grande são festas nacionais. As duas celebrações podem ser feitas via Lei de incentivo fiscal. Vamos trabalhar juntos para garantir que os dois eventos sejam realizados", destacou Roberto Freire.

O deputado Rômulo Gouveia afirmou, ambos os festivais de Caruaru e de Campina Grande são coordenados em conjunto pelas duas prefeituras. "Nos últimos anos, houve um esforço para que a festa de Campina Grande, organizada pelo prefeito Romero Rodrigues, tivesse uma redução nos custos e mantivesse a mesma qualidade. Agora, vamos estudar uma forma, juntamente com o Ministério, de apresentar um projeto para captação via Rouanet para ser avaliado pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC)", afirmou. A Quadrilha Junina é representação de uma cultura de resistência.

As políticas culturais desenvolvidas pelos gestores em períodos distintos promoveriam continuidade e equilíbrio na captação de recursos se fossem asseguradas em seu direcionamento aos festejos juninos e, especificamente, às quadrilhas juninas. Entendemos que ações isoladas como visitas, falas simbólicas e remanejamento de leis até podem representar certa atenção às quadrilhas juninas, mas efetivamente sabemos que essas ações ainda estão longe de conseguir de fato a manutenção da verba necessária para realização das atividades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que há uma necessidade em debater o movimento Junino de forma mais ampla, considerando que é uma manifestação cultural que proporciona a constante manutenção de diversas outras manifestações culturais, por meio de suas músicas e coreografias. Para continuar forte, o movimento necessita de políticas públicas que proporcionem novas formas de fomento, e novas estratégias para que a Quadrilha Junina seja defendida e permanecendo ainda mais em todas as camadas sociais, desde a zona urbana e rural.

Portanto, quais políticas culturais o MinC poderia disponibilizar para o movimento Junino? Faço essa indagação diante da notória percepção da Manifestação Cultural como lugar de produção cultural simbólica e estética, mas principalmente pela predominância do entendimento de produção econômica seja via turismo e entretenimento. Ou seja, a quadrilha junina para o Estado brasileiro é uma simples atividade de cunho econômico e turístico, deixando abafada a importância que a Quadrilha Junina tem com os movimentos da nossa cultura popular brasileira, já que, enquanto possível patrimônio imaterial, é uma manifestação que utiliza os saberes culturais, dos ritos, das tradições e do folclore para sua constante manutenção. Ações municipais como a de Jijoca de Jericoacoara (CE) demonstram uma luz importante para sinalizar que é possível fazer um reconhecimento não apenas com condecorações, mas principalmente com recursos financeiros por meio de política de estado, que não fique somente numa gestão, mas que passe adiante sem as três tristes tradições das políticas culturais no Brasil (ausências, descontinuidades e instabilidades), tão demarcadas pelos estudos do professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia, Antônio Albino Canelas Rubim (2011).

Diante da escassez de fomento por intermédio do Estado, os quadrilheiros buscam formas para a manutenção da Quadrilha Junina, uma alternativa na busca de recursos para o seu fomento, os grupos vêm utilizando recursos privados ou pelo auto-sustento com princípios na economia solidária. Por meio de trabalhos feitos pelos quadrilheiros como: rifas, bingos, venda de produtos, festas, bailes, entre outras ações. A idealização das Quadrilhas Juninas estilizadas a cada São João se dá através de

trabalhos realizados em comunidades, associações, fundações e entidades que estão sempre em busca do enriquecimento da manifestação. O espírito de comunidade opera sempre em suas ações.

O custeio de uma Quadrilha Junina estilizada hoje passa dos 100 mil reais, considerando que toda produção engloba: vestimentas, transporte, coreografias, figuração, musicalização. Em linhas gerais, o movimento quadrilheiro tem sua existência pela garra, força e o amor pelo São João de cada Quadrilheiro existente no Brasil.

Na potência da manifestação cultural chamada quadrilha junina, observa-se a capacidade de articulação com as comunidades periféricas e os centros urbanos facilitando o seu processo de continuidade e diálogos. Além de sua capacidade de ressignificação, a Quadrilha Junina representa uma das memórias da cultura brasileira, por meio de suas músicas, coreografias, figurinos e arranjos cenográficos.

Por outro lado, sabemos que a espetacularização é um fator que vem ocorrendo na sua construção de identidade, onde apontar o fenômeno é entender a sua construção histórica, social e cultural, entender ainda uma “distinção entre (a) uma realidade cultural imposta de cima para baixo (dos produtores para os consumidores) e (b) uma realidade cultural estruturada a partir de relações internas no coração da sociedade” (BOSI, 2009, p. 77), ou seja, o espetáculo festival junino surgiu diante da necessidade da comunidade junina em se adaptar às novas fórmulas (e regras) que vêm surgindo no mundo contemporâneo.

Adquirir novos elementos ou fazer um novo pacto foi uma possível saída para a manutenção da tradição, ou talvez essa seja apenas uma nova fórmula adotada pelo movimento junino, algo que foi imposto simplesmente com intuito de entreter a grande massa. A quadrilha estilizada contemporânea está ligada diretamente com o trabalho colaborativo em seus grupos juninos, de tal modo trazendo para o circuito junino um trabalho realizado em conjunto que circula uma economia social. A Quadrilha Junina passa a ser o fundamental para a sobrevivência da manifestação e de diversas comunidades que fazem da dança algo muito além do entretenimento.

O que faz uma quadrilha junina existir e resistir são muitos fatores que partilham o industrial, mas também, e principalmente, o sensível. E esse ambiente de festa onde a quadrilha se desenha é bem apontado por Nóbrega (2012):

Há muita gente que vem de longe. Turistas de primeira viagem, muitos que voltam sucessivas vezes em face de sua identificação com a festa, além de um grande número de migrantes que trabalham no sul e sudeste do país e aproveitam para gozar suas férias no mês de junho e vir passar o São João “em casa”, na Paraíba, ver a família, matar as saudades de parentes e amigos e curtir O Maior São João do Mundo. Isso vale dizer que o “o homem tribal” da festa vem exatamente em busca daquele lugar específico, com marcas de atratividade turística, identitárias, históricas, memoriais e culturais, e até familiares, de modo que a atração de olhares e a aproximação de corpos carregam juntos os espíritos. Nesse caso a diversão parece se situar num estado puro, atrelada às questões de pertencimento e identidade inerentes à cultura de origem, daí reafirmarmos a importância de nosso olhar para as questões comportamentais e motivacionais (NÓBREGA, 2012, p. 11).

Há algo fundamental na definição das festas como o critério da participação. Historicamente negociações de vários tipos, entre diferentes classes sociais, estamentos, gêneros etc. têm sido realizadas a fim de obter maior adesão às festas. Uma boa festa é considerada quantitativamente apenas pelo número de pessoas que é capaz de atrair. O poder instituído tenta fazer uso dela em seu favor, mas a festa não se deixa capturar apenas por elementos quantitativos. A negociação entre os símbolos da festa e seu uso político é complexa, e ela só se rende naquilo que considera necessário para atingir seus objetivos (AMARAL, 2006).

Para refletir sobre as formas de expressão das culturas regionais e os processos de construção das identidades culturais regionais, segundo Morgi Valdir (2005), é necessário levar em consideração uma série de elementos que fazem parte dessa discussão, entre os quais a lógica da sociedade de consumo e com as práticas culturais regionais foram aderindo à dinâmica da indústria cultural. Esses elementos trouxeram a ressignificação para a prática da dança, que agora está em conjunto com vários fatores que fazem parte do São João, as barracas, a comida, a música, e assim as festas estão se adaptando à lógica do espetáculo. Para Debord (1994), a sociedade do espetáculo é, pelo contrário, uma formulação que escolhe o seu próprio conteúdo técnico. O espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos meios de comunicação de massa. Assim entendemos esse pacto, mas assim esperamos que ele reacenda os mecanismos de fomento e apoio contínuo das Quadrilhas Juninas do Brasil.

Assim, como discorreremos neste estudo, e sem pretensão alguma de esgotar um tema tão vasto como esse, os aspectos históricos e simbólicos das quadrilhas juninas são a comprovação da importância de sua manutenção enquanto manifestação cultural brasileira. Salvar nossa cultura popular, transformando as quadrilhas juninas em patrimônio imaterial brasileiro, é proteger nossa própria existência e identidades por meio de sua história e expressões simbólicas.

Por fim, pretendo levar o resultado deste trabalho para a comunidade de Jijoca de Jericoacoara (CE) como retribuição aos ensinamentos vivenciados com eles no período que integrei os festejos e quadrilhas juninas da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massa**, (org.) Teoria da cultura de Massa. RJ: Paz e Terra, 2000, p. 169-214.
- Barroso, Hayeska Costa. “**Prepare seu coração para as coisas que eu vou contar.**”: **o ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará** / Hayeska Costa Barroso. 2013.
- BOSI, Ecléa, **Cultura de massa e cultura popular, leituras de operárias**, 13ª edição, 2009.
- ALMEIDA, Magdalena; LÉLIS, Carmem. 2004. **Quadrilha Junina, História e Atualidade: movimento que não é só imagem**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife.
- AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à brasileira: significados do festejar no país que não é sério**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa**. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 1, 2007.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. **O auxílio luxuoso da sanfona: tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas**. Revista Observatório Itaú Cultural, N. 14 (mai. 2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DA SILVA, Juliana Hermenegildo; DE OLIVEIRA LIMA, Maria Érica. Programa São João do Nordeste: O espetáculo junino e a representação da cultura nordestina nas quadrilhas juninas. Intercom, 2015. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1648-1.pdf>
- LEAL, Eleonora Ferreira. **Contando o tempo: A Quadrilha Moderna dos Anos 80**, Belém, v3, n.5, jan-jul 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista** / Gilles Lipovetsky, Jean Serroy; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARTIN-BARBERO, Jesús, **Dos Meios as Mediações, comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro. Ed UFRJ. 1997.

MENEZES Neto, Hugo. **Música e Festa na Perspectiva das Quadrilhas Juninas de Recife**, 2015.

MORIGI, Valdir Jose **MÍDIA, IDENTIDADE CULTURAL NORDESTINA: festa junina como expressão**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-13, janeiro/junho 2005.

NÓBREGA, Zulmira Silva. **A festa do Maior São João do Mundo: animação para turistas e residentes**. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 2, n. 1, p. 75-92, 2012.

NÓBREGA, Zulmira Silva. **Os usos da festa do maior São João do mundo**. **ENCONTRO NACIONAL DE CULTURA**, v. 5, 2009.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história** / Lúcia Helena Vitalli Rangel. – São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

RUBIM, Albino. **As políticas culturais e o governo Lula**. Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais do governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos**. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 1, 2008.

SILVA, Luiz Custódio, **Os Festejos Juninos e a reinvenção das Identidades Culturais no contexto paraibano**

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. Trabalho apresentado no Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, realizado em Fevereiro de, 2005.

ZAMITH, Rosa Maria. **A dança da quadrilha na Cidade do Rio de Janeiro: sua importância na sociedade oitocentista**. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, v. 4, n. 1, 2007.

ZAMITH, Rosa Maria Barbosa. **A quadrilha: da partitura aos espaços festivos: música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista**. Editora E-papers, 2011.

Internet

Jornal O Acaraú, Acaraú-Ce -Disponível em < <http://www.oacarau.com/2017/07/com-sucesso-jijoca-de-jericoacoara.html#ixzz4y4UouFYW>> acesso em 09/11/2017

Jornal Escolar Pequenos Guerreiros, Jijoca de Jericoacoara-Ce, 2008 Disponível em <<http://www.sie.jornalescolar.org.br/jornais/pequenos%20guerreiros%2001%20set%202008%20plce%20jijoca%20de%20jericoacoara.pdf>> acesso em 12/09/2017

Revista Arraiá, 2007- Disponível em <<http://revistaarraia.blogspot.com.br/>> acesso em 11/08/2017

ANEXOS

Anexo 01





CÂMARA MUNICIPAL DE JIJOCA DE JERICOACOARA

Av. Jericoacoara N° 474 - CEP 62598-000 - CNPJ - 09.727.519/0001-72
Telefone: (88) 3669.1142 E-mail: camarajijoca@hotmail.com

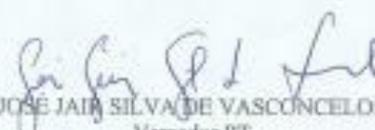
JUSTIFICATIVA

O Instituto do Patrimônio Histórico Nacional — IPHAN, em sua página na Internet, ao tratar do Patrimônio Cultural Imaterial leciona que: "A Unesco define como Patrimônio Cultural imaterial 'as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.'"

As quadrilhas juninas fazem parte da história da nossa cidade e geram em muitos um sentimento de identidade. Originária de velhas danças populares de áreas rurais da França (Normandia) e da Inglaterra, foram introduzidas no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, por membros da elite imperial. Durante o Império, a quadrilha era a dança preferida para abrir os bailes da Corte. Por fim elas encontraram um colorido especial no Nordeste, associando-se à música, aos fogos de artifícios e à comida da Região e se firmaram como um símbolo do folclore e orgulho nordestino.

A Quadrilha Junina Arraiá Lagoa Azul se confunde com a história do município, pois existe praticamente desde a emancipação política de Jijoca de Jericoacoara, fundada em 1996 por professores da rede pública municipal, e mantida pela Secretaria de Educação e cultura ela leva no seu nome um dos maiores atrativos turísticos de nossa cidade.

Câmara Municipal de Jijoca de Jericoacoara, 18 de janeiro de 2017


JOSÉ JAIM SILVA DE VASCONCELOS
Vereador PT

